

ARTHUR VIRGÍLIO NETO *

Se o preço para transformar radicalmente as estruturas econômicas, sociais e políticas deste país é atravessar período de relativa impopularidade, sem dúvida que vale a pena. Afinal, Fernando Henrique propõe verdadeira revolução, mexe com interesses poderosos, ameaça privilégios arraigados, tudo isso sem sair um só minuto da legalidade e do compromisso democrático.

A insistência do governo em sustentar o Plano Real e a estabilidade econômica mostram definitivamente que não houve nenhum intuito eleitoreiro, em 1994. A determinação de aprovar, regulamentar e implementar as reformas evidencia que existem uma visão estratégica e um projeto consistente em curso.

Não há demagogia. Não há oportunismo.

Governar à base de pontes e viadutos superfaturados e desnecessários, fazendo a festa de empreiteiros e a desgraça do povo, não é difícil e nem é original. Engendrar fórmulas mirabolantes, que funcionem por algum tempo e depois tenham de ser substituídas por novas prestidigitações, em função mambembe de lona furada, tampouco é impossível.

Difícil é conservar a integridade política e a honestidade intelectual. É encarar pesquisas desfavoráveis com respeito e humildade. É persistir nas teses consequentes que, mais dia, menos dia, serão reconhecidas e consagradas.

Li o **JB** de domingo último atenta-

mente. Recebi a advertência de espírito aberto. E deu para ver, também, nas entrelinhas, brutal condenação aos políticos fisiológicos, que se dizem a favor das reformas e, em nome de interesses menores, paroquiais e mesquinhos as emperram lamentavelmente.

Percebi, por igual, que as oposições não se devem estar sentindo confortáveis. O povo pede pressa e mais abrangência nas privatizações: nota zero para elas, que trocam o apoio à nação, pelas minorias que fazem barulho e produzem alguns mandatos, mas são menos numerosas e menos relevantes que a sociedade inteira.

Outro aviso essencial está na nota 4,9 atribuída aos resultados do esforço contra a inflação. As ruas nos mandam prosseguir na luta, não esmorecer. E nós estamos fazendo isso, ao preço de juros elevados, do crescimento contido, da impopularidade momentânea já percebida — 4,9 para Fernando Henrique. Zero para seus opositores, que não se preocupam com o déficit público e supõem que “vontade política” é moeda para pagar contas infundáveis, verdadeiro trem da alegria populista.

O PSDB vai às ruas. Entre hoje e 30 de junho, teremos percorrido todas as capitais e quantas mais cidades podermos atingir. No corpo a corpo. No debate. No esclarecimento.

Inflação de 30% mensais e US\$ 64,00 de salário mínimo. Esse era o quadro. Fernando vira ministro da Fazenda, o Real é gestado, Fernando vira presidente... e a inflação é de 1% ao mês, para salário de R\$ 112,00, cesta básica em

deflação e alguma renda distribuída para os segmentos menos favorecidos.

Não dá para baixar a cabeça. Orgulho mesmo, aliás, eu tive, quando vi um presidente, em pleno ano eleitoral não fazer demagogia no dia 1º de maio. Saiu o reajuste possível, que conserva o ganho real obtido para o salário mínimo desde o início do Plano.

Não houve estádio do Vasco e nem festa financiada com dinheiro público.

Não me lembro de um só presidente que tenha resistido a fazer o gesto “generoso” do aumento, muitas vezes irresponsável, no Dia do Trabalhador. Um só. De Getúlio até ontem. Incluindo Médici e seus congêneres cinzentos da ditadura militar.

Fernando Henrique segurou a caneta. Preferiu a consciência. Não brincou com o povo e nem com o futuro.

Vamos reverter os resultados da pesquisa na luta e na coerência. Alguns frutos já estão a caminho. Educação é exemplo eloquente do que afirmo sem nenhum temor.

Queremos um povo fundamentalmente exigente, que cobre cidadania, que reclame direitos, que não se volte para o passado e nem caia no canto de sereia de salvacionistas de ocasião.

Mas queremos um povo fundamentalmente exigente, pois, é nele que depositamos sonhos, esperanças e obstinação.

Imbatível obstinação.